

afundado querido.  
 Apesar de estar inmensamente cansada, não posso deixar de  
 te escrever hoje. Sinto uma vontade enorme de falar contigo,  
 e como o único meio é escrever, escrevo.

Trabalhei muito no escritório porque um dos empregados foi-se  
 embora e como eu compreendia, o serviço dobrou. Ao chegar a casa  
 tive que encerrar o meu quarto e lavar a mobília que está  
 fidejada de muito claro e por isso sujou-se imenso. Tive que  
 fingir que isto não me custava nada, e que não estava nem  
 me locado fadada, mas foi um sacrifício tão grande. O  
 pai agora está cá em casa, e como os gastos aumentaram,  
 não podemos ter a mulher a dias uma vez por semana, como  
 costumávamos. Custamos que tudo de se arrumar, por causa  
 de Dic Alda, mas compreendes que mais uma pessoa tanto  
 tempo em casa trairia a vida.  
 Espero se algum dia será possível que a vida muda, mas não  
 vejo bem como. No entanto, como sou otimista, penso nessa mesma  
 possibilidade.

Eu queria dizer-te uma coisa, mas não sei como te explicar.  
 Quando te escrevi e te falei no que dava em casa, não queria  
 de maneira nenhuma que pensasses no que depois me disseres,  
 sobre qualquer coisa como não nos poder ajudar. Senti uma ver-  
 gonha imensa por ver que tu entendeste de maneira diferente  
 aquilo que eu escrevi. Perdona-me. Eu não quis referir-te a  
 da indirectamente.

Vem-me afligido muito isso, e hoje, tanto que confessar não  
 podia deixar passar o dia sem te escrever e falar-te sobre isto.  
 São quero que tuas um pensamento dessa a meu



01.199  
respeito, querido. Eu sou enérgica e hei-de sempre trabalhar,  
tanto quanto puder, até porque não quero que seja  
um triste dia em que eu ficar só, porque a via, a cidade, não  
viverei eternamente e eu nunca hei de viver com a minha irmã  
e o meu cunhado, por muito cunha que seja deles. Está perdido  
lá?

Vi a du carta e alegrou-me que me fossem compreendidos.  
Quem escrevi, nem falei assim - ninguém; tinha medo que não  
me entendessem e de mim, até, a tua carta. Bria que me  
imaginavas uma rajança anormal, o que acabaria mais ou menos  
justificável, talvez, dado o eu não crer em Deus e não ter,  
a não ser o fado, religião.

Algum-me tanto a tua carta, que não fodes sequer imaginar o  
estado enfático que os meus falares a minha e compreensivos, po-  
duzinam em mim. Por vezes julgo-me terrivelmente mal e como  
ninguém me conhece de verdade intencionalmente, impõem-me  
fodia dizer o contrário. Tu achas que era humano o que eu te  
contava, e não me censuras, o que eu tinha tanto medo. Go-  
tava de poder falar contigo, porque escrever é um embaraço.  
Dir-te-ia muitas coisas, que não se podem escrever, medo de  
não se fizessem.

Continuo a minha rotina esdrúxula, cada vez com mais trabalho  
e sem aumento de ordenado. Ou por outra. Ordenado aumen-  
ta muito, se... já vês a categoria do homem. Por vezes sinto  
um complexo de culpa, mas outras vezes acho que não  
é possível que a minha maneira de ser, ou as minhas atitudes  
se prestem a equívocos. Como todas as mulheres gos-  
to de ser admirada e às vezes provoço essa admiração  
eão. Vou cuidar-te numa coisa que fiz com a



consciência de que estava a proceder mal. O contrário é o  
meu castigo, porque vou redimir uma censura da tua fa-  
te, o que me <sup>custa</sup> muito.

Uma tarde desde logo depois de almoço, acabei meus circulares  
que tinham que ir para o correio. Tive-me uma secretaria  
que estava desocupada, no momento, para a mesma coisa correspon-  
cia. Da secretaria dele ia-se para <sup>esta</sup>, porque a porta do ga-  
briete onde ele e eu estamos, estava aberta. Tive-me de  
lado, e trouxe os jornais de manhã a fim de os lerem,  
para logo de escrever <sup>para o fim, para o fim!</sup> e inutil, quase, dizer de que passar  
a tarde toda à minha volta. Fiz muito mal, ficou que-  
da, sei sei. Foi terrivelmente provocante. Ganga-te comigo,  
diz-me o que de <sup>mais desagradável</sup> fazeres, já que não me po-  
des dar <sup>sem acôrte</sup>, for <sup>estares</sup> muito longe. Ou podes de-  
clarar de ser uma <sup>menina</sup> <sup>mal educada</sup> e uma <sup>mais</sup> fazer  
nada de semelhante. Ou reconcilia-te comigo?

Ontem pedi a tarde e fui ao Porto. Jantei em casa da tia  
of. Felicia e só vim ao correio.

Deixo que me juliquem doutra asueira que fiz e que  
sou <sup>contente</sup>.

Não sei se já te tinha dito que havia um moço que gosta de mim  
e quer casar comigo. É imensamente rico e tem estado em dejet  
drille. A tia Alda e a minha irmã acham que enfaco muito mal  
em não querer casar, mas eu por mais boa vontade que tenha,  
não consigo gostar dele. Nunca lhe disse definitivamente que não e  
ainda a passar tempo a ver se fosse, porque vejo que é um  
disfarde não querer ajudar a gostar as massas a um  
jovem com 39 anos e um "fencedes Benz" que me  
encanta. Vou-me a contar de <sup>isto tudo</sup>, porque <sup>o</sup> encon-  
trei no Porto, e adrebrá toda a tarde.



01.194

Foi-me levar a casa da tia, no carro e eu só fui fazer  
uma coisa, que na altura me pareceu que estava bem. Pensei  
que se conseguisse beijá-lo era um passo para que também  
conseguisse casar com ele. Souro não é muito difícil um  
homem beijar-nos, fui-o levando a pensar isso, sem ele perceber,  
com um ar absolutamente inocente que as mulheres são capa-  
zes de arranjar. Quando o vi a fazer o cigarro, pensei que ia fa-  
zer o supremo sacrifício e reuni toda a coragem que podia  
arranjar. Isto foi à porta de casa e antes indirei-me dis-  
cretamente como se abria a porta do carro. (Os homens são uns  
fábrios) Digo-te que não consegui, não pude. Não de posso expli-  
car a sensação, porque não és mulher e não compreenderias,  
mas senti que não era capaz de o beijar.  
Fiquei a pensar, então, que se não fui capaz de o beijar, muito  
menos ~~ser~~ ser capaz de dormir com ele. Não cá arranja, e  
tempo que te dizer que não.

Querido: eu tinha que estar isto a alguém e só podia ser a ti.  
Não me julgues mal, fêz-te, mas não crês que foi uma ma-  
neira de saber se podia ou não casar com ele? Não dizer-me  
que fiz muito mal, mas só que é justificável. Diz-me o que  
pensas, mesmo que me custe muito sabê-lo. Em sua vida,  
não sou? Eu quero fazer justificação para o que fiz, logo lá  
muito no íntimo, dentro a consciência de que não procedi bem.  
Abonares-te muito com os minhas cartas? Nunca mais te  
escreverei, ponto. Fiz isto porque dentro um fecho expansivo é  
um tormento, não poder dizer aquilo que penso e que  
sinto a alguém. Tu és meu amigo, o que não dá, de acordo,  
de me julgar mal.



mas quando nos parece que procedemos visivelmente, o certo, como agora faço, é uma expiação, que use a minha essa sensação de culpa, porque - fortillamos, com alqueim. Não julgues, com isto, que sou uma irresponsável e que fujo às consequências dos meus actos. Por isso de pouco que os julgues, e que rejes imparcial, por tudo que me custe a vir de depois. Mais uma vez te peço não deixes a escrever estas cartas macadoras, com assuntos que da pensarás que não de dizem respeito e por isso mesmo te macam.

Está cá um rapaz espanhol, que é pintor e um grande artista, segundo dizem, que se não está à altura de julgar. Torramo nos muito amigos e passo grande parte dos meus fins livres com ele, agora principal mente, que está a trabalhar para fazer uma exposição. Fomos os Belos - todos em Paris e como podes ver ficam falc e me frances estupefando. Comprenderás que em tempo feito grandes progressos e estão imensamente cadente. Preciso de me valorisar cada vez mais, para poder mudar de emprego, e ver se vou para um de facto bom. Falo e escrevo já tão bem que outro dia me aventurei a responder a um anúncio no Porto, que pedia uma correspondente bem habilitada. Proporem 7 raras e eu fui a melhor classificada. O meu peso era principal mente para interpretar o que me alegrou acide mais por ser meu trabalho que me agradava. Está à espera de uma resposta, porque só seria precisa no principio do ano. Ao mesmo tempo penso que não é possível ser para mim porque não tenho sorte nenhuma. Tratei de tudo absolutamente sózina, porque o pai não ajuda nada. Não podes sequer imaginar a coragem que precisei para ir lá e quando me vi só, no meio de um formigueiro de



empregados e empregados, senti-me inmensamente segura e satisfeita. Tive que vencer o complexo, não sabia mais o que fazer. O senhor foi muito simpático comigo e saber, eu logo de principio tratei de ver o que ele sabia de negócios, antes de ele ver o que eu sabia. Vi que felizmente para mim tinha meus conhecimentos do que eu e por isso também meus possibilidades de mudar os meus erros. Depois disso senti-me absolutamente segura. Desei-me em ter possibilidades de ser uma boa empregada e ajudar do meu aspecto. Seria tão bom que esse emprego fosse para mim, a ganhar muito mais e ver-me livre desde então daqui.

Entristeceu-me muito, quando, o que tu dizeste o que eu disse de na tua carta acerca de estares em casa sem nada fazer. Não cabei nada para não afligir a tia Alda, mas a verdade não conseguia adormecer, a pensar em ti. Sabes que de dia tenho sempre crises que me preocupam e a que é preciso estar atenta. Mas à noite, quando estou deitada, os pensamentos nessa altura são exclusivamente meus e só assim posso ver aquilo que de verdade me diz respeito. Pensei muito no que me dizeste e tinha uma sensação de tristeza por ver que nada podia fazer e que estava tanto de fazer alguma coisa. Sou grato muito de ti, querido, não só por seres meu primo, mas também pelo que Deus te deu para mim, e para mim, agora, em especial. Entristeceu-me também o não os vares bem de saúde e de todo o coração desejo que melhores. Recebemos um dia destes uma carta do teu pai e pareceu-me por uma coisa que ele dizia, que tu tinhas encontrado a tua vida. Não é verdade, pois não, foi? Deu fecho de para não fazeres.

Tinha mais coisas para te contar, mas não posso escrever mais. Estou com um sono inenso e principalmente



Causada. Tenho uma ferida muito e ainda deixo que fazer  
o curativo. Tempo já foi algum tempo e não já meio de se  
curar, porque não posso ficar em casa. Além disso dor-me  
muito e anda-me um bocinho a andar.

O que me perguntas da correspondência entre os dois, diz-te  
que eu em casa não de uma descrição absoluta, pois assim muito  
acórdam, como é de facto, e não estranham que eu não  
les leve os dois cartões. Brinde não me fizeram nenhuma  
pergunta.

Já não escrevo hoje aos Pais. Desculpa-me muito deles e  
beijão-os por mim.

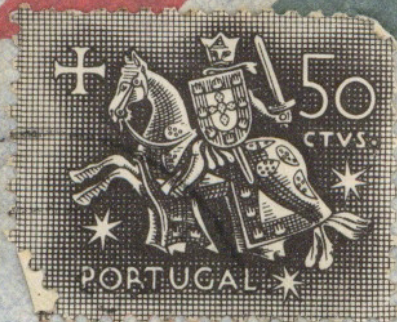
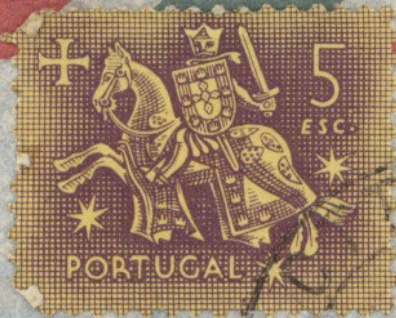
Para ti, muito querido, um grande beijo da tua prima sem-  
pre muito tua amiga

~~de Évora~~  
29-10-58

01.194



380 381 382



381 382 383

64

388

68

300

388

81

01.194

300

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

383

383 384

Luís

António Manuel Cruzzeiro Silva

Boixa Postal

~~890~~ 890

VIA AVIÃO VIA AEREA

Zuanda

Bejola